

LITERATURA MARGINAL E A HUMANIZAÇÃO NA POÉTICA DE MIRÓ¹

Dárvilla Karla Alves de Moura²

RESUMO: O presente trabalho mostra um breve panorama histórico da Literatura/poesia marginal no Brasil, da década de 1970 às duas primeiras décadas do século XXI. Nesse sentido, ele traz Miró da Muribeca como poeta cuja obra dialoga com esse movimento em Pernambuco, com objetivo de analisar a contribuição de suas obras sob a ótica da humanização através da poesia, como também apresentar sinteticamente sua vida e carreira poética, mostrando como são indissociáveis. Em seguida, propõe reflexões sobre as vivências de pessoas colocadas à margem e sobre temas que ainda são tabus na sociedade, levando o leitor a um olhar mais humano e receptivo, impulsionando assim experiências através da leitura da poesia marginal. Para tanto, utilizaremos como fundamentação teórica os trabalhos de Mattoso (1981).

PALAVRAS CHAVE: Poesia Marginal, Miró da Muribeca, Humanização, Resistência.

RESUMEN: Este trabajo presenta una breve reseña histórica de la literatura / poesía marginal en Brasil, desde la década de 1970 hasta las dos primeras décadas del siglo XXI. En este sentido, trae a Miró da Muribeca como poeta cuya obra dialoga con este movimiento en Pernambuco, con el objetivo de analizar el aporte de sus obras desde la perspectiva de la humanización a través de la poesía, así como presentar sintéticamente su vida y trayectoria poética. mostrando cómo son inseparables. Luego, propone reflexiones sobre las vivencias de personas marginadas y sobre temas aún tabú en la sociedad, llevando al lector a una mirada más humana y receptiva, potenciando así las vivencias a través de la lectura de poesía marginal. Para ello, utilizaremos como fundamento teórico los trabajos de Mattoso (1981).

PALABRAS CLAVE: Poesía marginal, Miró da Muribeca, Humanización, Resistencia.

¹ Artigo produzido como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) da UFRPE/SEDE, sob orientação da professora Dr.^a Sherry Almeida

² Graduanda em Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) pela UFRPE.

Introdução

Esse trabalho tem como tema a poética de Miró da Muribeca e a Literatura Marginal, objetivando analisar a sua poesia sob a ótica da possibilidade de humanização social em relação às populações periféricas. Divide-se em cinco partes e discute questões como histórico, desmistificação e favorecimento da experiência do contato com a Literatura Marginal, apresentando como exemplo o poeta Miró e reflexões através de suas obras.

Segundo o dicionário do Google Oxford Language, marginal” pode ser um adjetivo e/ou substantivo de dois gêneros, que significa “que foi excluído da sociedade ou prefere viver fora dela”; “que não respeita leis, criminoso”; “pessoa que vive à margem da sociedade; “quem não aceita leis ou se opõe à moral, delinquente.” Atualmente a palavra assumiu é usada mais comumente para denominar “o ladrão”; “aquele que furta, rouba”.

Sem dúvida, a palavra “marginal” possui, no cotidiano, significados carregados de negatividade dentro de uma sociedade, que, apoiada por uma falsa moralidade de base patriarcal e eurocêntrica, discrimina quem não está inserido em determinado padrão ou tem comportamentos e pensamentos que se opunham ao dito como correto.

No início da década de 70 do século XX, no Brasil, aconteceu um *boom* poético, que não pode ser classificado de movimento, e sim de uma efervescência de poetas diversos que se uniam pelo caráter anárquico e irreverente. A crítica especializada começou a chamar esse grupo de poetas marginais. Aqui vemos o termo “Marginal” denominando o que está ligado às artes, à despadrãoização e as inconformidades de alguns indivíduos com a estrutura conservadora de nosso país. Porém na sociedade em geral, quem são as minorias e qual parcela elas ocupam na sociedade? Não seria a maioria da população (e da classe trabalhadora) marginalizada? Que tipo de arte e cultura produzem? E por que a “elite” e os “conservadores” têm tanto medo dessa cultura ser alavancadas? Voltando uns 500 anos, tecemos o papel do colonizador como tão trucidante, que conseguiu e consegue até hoje apagar e marginalizar os traços culturais do nosso povo. Tudo que vier dessas comunidades sempre terá um tom desmerecido e minoritário.

Esse movimento, nomeado como “marginal”, unia um grito contra a Ditadura Militar, feito por diversos artistas nas mais variadas áreas de atuação, produtores

culturais, jornalistas autônomos, professores e muitas pessoas que se sentiam depreciadas por conta da repressão militar.

Saiam do padrão do mercado literário e lutavam contra a opressão e a liberdade de expressão. Diversos autores, em sua maioria oriundos da classe média, como Paulo Leminski, por exemplo, fizeram parte desse movimento, por isso podemos afirmar que a literatura marginal mistura diversas pessoas e pensamentos, mostrando diversas visões de mundo, sem a presença da exclusão social. “Desse modo, pode-se afirmar que a Poesia Marginal tem como um de seus compromissos decisivos concorrer para a abertura de um espaço de crítica social, a partir dos livros que circulavam nas ruas e da própria vivência dos autores.” (SANTOS JÚNIOR, 2014, p.224)

Entretanto, quando surgiu, “essa produção não tinha, pelo menos imediata e diretamente, eco a nível popular (...) na medida em que reflete com bastante clareza um conjunto de experiências sociais que caracterizam mais marcadamente os grupos mais privilegiados dentro da estrutura social” (PEREIRA, 1981, p. 99).

Foi a partir disso que poetas periféricos, esse que estão realmente à margem, se organizaram em suas produções, abrindo novos olhares para a arte e a cultura da população mais pobre (compostas em sua maioria por pessoas negras), regada principalmente por influências afro-indígenas, que secularmente tem o poder de divertir e apaziguar os sofrimentos vividos diariamente por esse povo, suas danças e brinquedos populares e nesse momento suas poesias tanto cantadas quanto recitadas provando seus talentos e contando um pouco de suas histórias.

É nessa elaboração de poesia marginal que expressasse a realidade dos espaços suburbanos periféricos, como também de seus sujeitos marginalizados, tendo ou não a marca de denúncia e acima de tudo dando voz com caráter humanizador aos representantes de uma realidade antes não vista nos livros, nos saraus, nas rodas de diálogo e hoje até dentro do ambiente acadêmico. A partir disso, ter como exemplo um poeta das ruas como Miró da Muribeca tornar-se referencial nos fazendo refletir como a poesia garante a humanização de quem a vive.

“Para além de poeta e cronista, ele é símbolo de uma geração de artistas alternativos do Recife, que começou a publicar a partir dos anos 1980. Artistas que, por viverem o lado B da cidade, encarnam no próprio

corpo as agruras das suas urbes com versos fortes associados a uma r cita impactante.” (GOMES,2016, p.11)   nisso que a poética de Miró se embasa, na sua vivência. Quem já teve a satisfa o de ver uma apresenta o de Miró, de ver sua intera o com o público, tem a certeza de que sua poesia lhe proporciona vida e testemunho, como também enfatiza o que nossos olhos geralmente n  veem, o que nossa estrutura   treinada para desprezar, ressignificando assim olhares e pensamentos. “Miró consegue dar voz a cada canto da cidade.   um poeta necessário para a poesia brasileira. Ele tanto   para dentro, com uma poesia intimista, como também   para fora” (PEDROSA, 2016)   nesse sentido que trabalharemos através das “palavras fotográficas” de Miró, que contam “h st rias marginalizadas” e retratam como forma de manifesto os movimentos e as vivências do povo periférico, revelando a condi o de sua fun o humanizadora, podendo contribuir para a reflexão acerca do sentido que a resistência poética pode assumir neste contexto de crise pelo qual estamos vivendo a muito tempo, principalmente em rela o a popula o pobre, preta e periférica.

1. A literatura Marginal no Brasil

Muitos são os significados encontrados para o que   poesia e os livros que buscam caracterizá-la não conseguem chegar a uma resposta final, porque temos a no o de que a literatura sempre transcende o campo est tico. Na teoria tradicional, a poesia precisava ter um formato convencional, m trico, porém na prática, a liberdade de cria o sempre trouxe um ar de liberdade   poesia que a faz sobressair se às leis e normas e ganhar originalidade.

Sendo formal, dentro da métrica, em versos livres ou até mesmo em prosa, a poesia tem caráter humanizador por permitir a quem   sua leitura se entrega chegar a uma espécie de ascensão e liberdade de mente, como também ela permite que nos conheçamos mais ao nos revelar com expressividade a efervescência das ideias e dos sentimentos desassossegados dos poetas.

Quando o assunto   poesia, a literatura brasileira conta com vários representantes que fizeram do ofício de escrever versos sua profissão de fé, nos mais diferentes momentos históricos que existiram, começando com o Romantismo

e passando pelo Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e Pós-modernismo. Neste último, encontramos a poesia marginal, a qual veio de um dos momentos mais críticos que nossa arte e cultura já enfrentaram e é sobre ela e suas reverberações na poesia contemporânea que estaremos refletindo neste trabalho a partir de então. E nos importa pensar essa poesia a partir da perspectiva de criação de um sujeito moderno, o qual, como nos explica Salete de Almeida Cara:

Ao contrário do poeta romântico, que ainda acredita na poesia como expressão do "eu", o poeta moderno sabe perfeitamente que o recorte do mundo será apenas linguagem e não lhe é possível mais do que isso: o poeta moderno se vê projetado no mundo exterior, sabendo que desse mundo poderá fazer apenas uma tradução parcial. (CARA, 1985,41)

A poesia marginal no Brasil da década de 70 do século XX e a que aqui identificamos como marginal a partir do primeiro decênio do século XXI abrangem iniciativas de tempo, sujeito e linguagem distintas, porém ambas têm harmonia no quesito da produção, pois se encontram “à margem”, ou seja, apresentam produções afastadas do cânone e/ou dos estudos acadêmicos, do mercado editorial. Importante explicar que esse “rótulo” marginal não foi bem aceito pelos artistas da década de 1970, como nos mostra Glauco Mattoso: “Dizer que um poeta é marginal equivale a chamá-lo ainda de sórdido e maldito (por causa da noção de antissocial), mas esses adjetivos soam mais como elogio porque viraram sinônimos de alternativo e independente” (MATTOSO, 1981, p.8). Porém vale ressaltar que o sentido se transformou, como falou Mattoso, e que quem recebe o título marginal se coloca no sentido de não conformismo, sendo melhor aceito por quem ia de encontro aos ideais normativos da arte da época. Glauco Mattoso acrescenta: “Tudo que não se enquadrasse num padrão estabelecido ficou sendo marginal: cabelo comprido, sexo livre, gíbi, gíria, rock, droga e outras bandeiras recentes que tipificam um fenômeno de rebeldia das novas gerações ocidentais denominado justamente contracultura.” (MATTOSO, 1981, p. 8) E ainda completa: “Cultura, no caso, não significa grau de conhecimento, e sim padrão de comportamento social.” (MATTOSO, 1981, p. 8)

Para termos uma melhor noção de quando a “revolução escrita” começou, precisamos “retroceder à Semana de Arte Moderna de 22, quando o grupo liderado

por Mário e Oswald de Andrade foi vaiado no Teatro Municipal de São Paulo porque propunha uma poesia livre da rima, das regras de gramática, dos temas "sérios", e mais preocupada em comentar a realidade cotidiana no linguajar comum. ” (MATTOSO,1981) Depois disso, no fim da década de 20, o mesmo Oswald de Andrade, tentou adentrar no movimento modernista com a ideia de uma escrita (e leitura) antropófaga, que propunha justamente “comer” as tradições e valores sociais e apenas reter o que de fato fosse de bom para a liberdade na sobrevivência humana. Porém, o movimento modernista foi contrário a essa ideia, deixando Oswald praticamente sozinho, típico dos discriminados que surgem com novidades em quaisquer campos científicos e sociais. Porém, foi a partir disso, que mais uma semente da inconformidade foi plantada, o que daria frutos, muitos anos depois. Obviamente que em toda essa mutabilidade de ideias e ideais a escrita seria revolucionada, segundo Santos Júnior (2014):

O surgimento da Poesia Marginal foi o resultado de uma maturação estética que tem sua origem no Modernismo de 22 encabeçado por Oswald de Andrade e sua produção contínua de poemas curtos, paródicos e coloquiais, concomitante com a sobrevivência da anarquia estética do dadaísmo avassalador de Marcel Duchamp. (SANTOS JÚNIOR, 2014, p.223)

A poesia marginal começou a ser conhecida assim, como já dissemos, justamente a partir desse conceito de marginalidade, na década de 70, do século XX, pelo público jovem, questionador e de certa forma inconformado com a censura da época. Suas principais influências foram o tropicalismo e os movimentos socioculturais de contracultura, como nos diz Mattoso:

Com o tropicalismo, aconteceu que todas as tendências musicais entraram na salada-de-frutas, caíram as fronteiras que separavam a contracultura da MPB, e esta conquistou ao mesmo tempo o público roqueiro e o intelectualizado. Ampliou-se assim o interesse da faixa mais jovem pela poesia ou por tudo aquilo que pudesse ser poesia. (MATTOSO, 1981, p.19)

Foi em 1968, sob o impacto negativo do AI-5 (em que os direitos políticos dos cidadãos considerados subversivos eram retirados, privando-os por até dez anos da capacidade de votação ou de eleição, mas isso ainda era o “mínimo” naquele momento), livros estavam sendo caçados e escritores “calados”, no Paraná, Domingos Pellegrini Jr. rodava seu primeiro folheto no Mimeógrafo, que tinha como

título O Marginal e Outros Poemas.

Assim, artesanalmente, os escritores desenvolviam todo o processo de criação. A escrita, as ilustrações, a impressão e as cópias através do mimeógrafo, tudo era feito pelos autores das obras, isso deu a cada autor uma nova perspectiva, inclusive na questão das vendas que agora eram feitas de mão à mão, como também no escape da censura aplicada pela ditadura militar que o Brasil estava enfrentando na época.

Dessa forma, essa movimentação poética também ficou conhecida como “Geração Mimeógrafo”, justamente pelo fato dos próprios autores usarem com afinco esse instrumento de cópias. O movimento teve mais força inicialmente no Rio de Janeiro, porém com o passar dos anos, rapidamente, poetas de todas as regiões do Brasil passaram a produzir obras “transgressoras” e independentes do mercado editorial, muitas vezes apresentando linguagem coloquial e até mesmo uso de gírias e ambiguidade, a poesia não era mais algo enquadrado em regras, se tornando livre. Começaram acontecer a partir de então vários “marcos” de suma importância nessa esfera poética, Mattoso (1981) cita o exemplo: “Em 70, o cearense Pedro Lyra divulga o poema postal, introduzindo no Brasil a *mail-art* ou arte-correio, enquanto em Londrina Paulo Nassar mimeografava seus poemas Cantos de eclipse.” (MATTOSO, 1981, p.23)

Outro acontecimento de grande notabilidade foi em 1975, “Heloísa Buarque de Hollanda organiza a antologia 26 poetas hoje, incluindo em livro "comercial" vários poetas marginais do Rio.” (Mattoso,1981, p.26) E completa: “Heloísa, que qualificou esse estilo como uma "retomada" do modernismo de 22, acrescenta que a diferença está na postura, que em 22 teria sido intencional, premeditada, e na poesia marginal seria espontânea e inconsciente. ” Esse livro demorou muito para ter aceitação, principalmente da academia, mas hoje, a obra é cobrada até em provas admissionais e vestibulares. E com isso podemos questionar o que de fato ainda é a poesia marginal e o que seria a “comercial”? Aliás, sem os enquadramentos e regras, como se podia definir o que era ou não poesia?

A despreocupação com o próprio conceito de poesia e o descompromisso com qualquer diretriz estética resultaram numa espécie de displicência, de certo modo saudável como se verá mais adiante, e, como consequência, tal conceito ou tais diretrizes podem ser indiferentemente observados ou não, consciente ou inconscientemente, na obra poética desses autores. (MATTOSO,

1981, p.29)

Ou seja, essa liberdade na escrita só trouxe mais discriminações ao que não era cânone por um lado, mas por outro também abriu a visão a uma nova forma de escrita que contemplava as mais diversas inspirações e inquietações, com isso, conclui Mattoso:

e tudo isso sempre foi, de uma forma ou de outra, marginal em relação ao quadro cultural como um todo, ou seja, um "tipo" de marginalidade não exclui necessariamente os outros." Porém, é de se saber que a poesia ainda era dividida como elitista ou não, até porque começou a ser reconhecida pelos autores "mais abastados", mas que de fato não socializavam nem eram considerados verdadeiramente como marginais. (MATTOSO, 1981, p.30)

Como questionamos anteriormente, a respeito do que e quem de fato é marginalizado, podemos observar que não é mencionado na maioria dos livros o surgimento de um processo poético advindo da periferia. Será que a poesia já não era nesse mesmo momento histórico produzida no subúrbio e nas favelas? Ou será que esses escritores e poetas são simplesmente esquecidos por de fato estarem à margem, não só no quesito de subversão, mas por questões socioculturais e raciais? Veremos mais à frente a partir da história do poeta e cronista Miró, o que é verdadeiramente estar à margem social e se tornar um poeta consagrado em sua época.

2. A Poesia "Marginal" Contemporânea

Produzida por grupos historicamente marginalizados, principalmente por fatores socioeconômicos e raciais, sobreviventes das favelas, nas periferias e até mesmo nos grandes centros, temos um rico acervo, ainda não reconhecido da forma correta. Ela traz consigo o grito das insatisfações revolucionárias de uma geração, como também suas formas de verem o amor e a cultura. Hoje, essa poesia não está encontrada apenas nos livretos mimeografados ou produzidos artesanalmente nem só na boca dos poetas, mas também em editoriais, saraus, dentro do movimento *hip hop* com o *rap* e nos *slams*, possibilitando que sujeitos vorazmente excluídos, possam entrar em cena para produzir sua própria imagem, dando origem a uma intensa movimentação cultural nos bairros periféricos.

Em 2001, o escritor Ferréz organizou uma edição da Revista Caros

Amigos intitulada Literatura Marginal: A Cultura da Periferia. Ela foi uma importante publicação, pois apresentou textos de escritores da periferia da cidade de São Paulo e a partir desse momento o conceito de literatura marginal passou a nomear a produção periférica em verso e em prosa.(PAIVA ROSA, 2021)

Vinte anos se passaram e essa edição ainda corresponde a um marco para a literatura marginal e sua pluralidade. Dentro desse contexto, o *rap* vem do movimento *hip hop* desde o final século XX, trazendo rimas e poesias através de um discurso rítmico, “embala crítica social, ironia, brinca com ícones eruditos e populares e mantém a pegada combinando o que for em sua musicalidade também literária”. (PEDRA, 2018)

Alusões às drogas, à hipocrisia dos indivíduos e do governo, entre outros. É possível fazer paralelos com diversas situações do Brasil contemporâneo, além de buscar expressões das ruas e ideias de grandes escritores. Isto é, sem dúvida, pura poesia, é o que se encontra tanto no *rap* quanto nos escritos de poetas populares que escrevem e declamam o que veem e vivem nas ruas. Diferentes épocas e estéticas podem ser nomeadas como literatura marginal, todas elas têm um ponto de encontro que é o estigma de produção à margem e todas carregam o peso do “desmonte” do que seria socialmente padronizado.

Na questão da visibilidade, de como conhecer a poesia e a literatura que advém de comunidades marginalizadas, na contemporaneidade, o boom da internet tem ajudado muito, hoje o poeta não precisa de fato ter o livro físico e publicado. Não depender da aceitação de editoras se tornou muito mais “fácil”. O ambiente virtual funciona como teia e liga pessoas a suas afinidades e histórias, promovendo inclusive encontros entre autor e leitor. Esse tipo de poesia ganha uma dinâmica diferente no ambiente virtual, configurando-se, simultaneamente, pelo uso da palavra, do som e da imagem, e permitindo, ao leitor, uma participação passiva ou mais ativa, ou seja, um grau baixo ou mais elevado de interação com o texto.(ARANHA e BORBOREMA, 2016, p.46).

Assim, a poesia tem se renovado e conquistando mais e mais públicos. Pessoas jovens têm enxergado o passado e reconhecido historicamente como chegaram até aqui, valorizando o que vem de sua comunidade e de seu povo. Se sentir representado por uma escrita é importantíssimo. Sendo Miró um poeta que dá voz às minorias sociais e leva o leitor a sentir a opressão passada por esses grupos invisibilizados, é em sua obra que vamos adentrar nesse momento, observando a

responsabilidade e afinidade que ele tem com as palavras e com os personagens de seus escritos.

3. O Contexto Poético “Marginal” de Miró

Chegamos ao ponto chave de nossa pesquisa, Miró da Muribeca, nascido João Flávio Cordeiro da Silva, é um poeta e cronista a que chamamos de marginalizado não só por transgredir as regras da simetria poética tradicional, mas por todo contexto histórico, social e racial no qual está inserido. Miró nasceu na Encruzilhada em 6 de agosto de 1960, mas foi criado na Muribeca, é preto e pobre. Como diz seu vídeo documentário captado em formato digital em 2007, tem sua história de vida misturada a arte e as duas linhas são tão tênues que é difícil separar o poeta do homem, talvez isso seja indissociável, já que Miró respira literatura e vive para encontrar suas narrativas nos ônibus, nas calçadas, nas esquinas, nas histórias que passam na sua frente diariamente.

Sobrevivente de vários bairros periféricos da Região Metropolitana do Recife, sendo um deles o Conjunto Habitacional Muribeca, um aglomerado de edifícios localizado no bairro da Muribeca, na cidade de Jaboatão dos Guararapes, aqui em Pernambuco, hoje considerado uma cidade fantasma, pelos prédios terem sido interditados e quase totalmente evacuados, por suposto risco de desabamento, Miró teve uma infância pobre e modesta, tendo como família única e exclusivamente a sua mãe, a quem ele sempre fala com muito respeito e saudosismo, “um dia sem rir é um dia perdido, se você passar 24h da sua existência sem sorrir, minha mãe dizia que não foi um dia”(MIRÓ, 2021). E ele, com certeza, carrega consigo esse conselho, já que sempre consegue fazer as outras pessoas rirem pela forma de interpretar até mesmo o trágico de forma cômica, isso não faz com que a essência ou o peso da temática que ele está transmitindo sejam menosprezados, porém é uma das formas que ele usa para fazer suas denúncias de modo que seja ouvido.

Voltando à sua história, como a maioria das crianças e adolescentes pobres, Miró começou fazendo trabalhos informais para ajudar na renda em casa e foi lavando carros de pessoas de classe média que o pernambucano descobriu a poesia, que ele sequer até aquele momento, sabia do que se tratava. “Maurício Silva disse: Miró, tu sabe o que é uma poesia? Sei não Maurício o que é uma poesia não, e eu nunca tinha lido um livro na minha vida.” (MIRÓ, 2021)

Foi a partir daí, tentando rimar no banheiro que nasceu o Miró poeta e/ou cronista, desde 1985 ele teve como alternativa de vida a poesia e ele a agarrou com todas as forças, tirando de suas vivências e experiências do cotidiano as palavras que lhe soam com facilidade. A poesia chegou na vida de Miró com o caráter salvador, além de dar voz a ele e a outras pessoas que se sentem representadas de algum modo por sua escrita democrática. Indagado sobre essa condição salvadora que a poesia proporciona, Miró responde que sim, a poesia salva e conta com alguns detalhes como isso aconteceu em sua vida inicialmente:

Salva e muito, a mim me salvou, completamente, agora eu digo completamente mesmo, porque eu não tive família e eu era pobre e morava de frente ao hospital Oswaldo Cruz e um dia eu conheci uma pessoa, 8 ruas de distância, que já era classe média, eu sendo negro, cabelo igual do Djavan, que queria ser Djavan uma época, queria ser Fernando Mendes, já quis ser Tim Maia. Eu era pobre, morava só eu e minha mãe, peguei um balde e fui pra rua lavar carro, fiz amizade com pessoas que hoje seriam da classe média quase alta e eu fui jogar bola com eles e eu jogava muita bola. E veja como as coisas acontecem na vida das pessoas, entrei num jogo, no finalzinho e por fazer o gol final conheci a pessoa mais importante, que me fez poeta, e desde 1985 que eu não trabalho pra filho da puta nenhum.(...) Eu vivo de dar oficina, de vender meus livros, e dos amigos do coração que eu tenho. (MIRÓ, 2021).

As poesias de Miró retratam nada mais nada menos que sua trajetória de vida, muitas com forte conteúdo social, performadas em intervenções poéticas de forma singular por ele, mostrando histórias do cotidiano, da cidade e das favelas. “Pode-se afirmar que a Poesia Marginal tem como um de seus compromissos decisivos concorrer para a abertura de um espaço de crítica social, a partir dos livros que circulavam nas ruas e da própria vivência dos autores.” (SANTOS JÚNIOR, 2014, p.224) E nesse quesito, sua desconcertante poética não deixa a desejar, de forma coloquial-crítica ele esbanja sua herança contracultural e marginal, porém como descreveu Igor Gomes : “O artista ainda é autor de versos eróticos, amorosos, existenciais e melancólicos, poesia invisível nos recitais de que participa e que estão, nos seus livros, lado a lado com os “poemas-denúncia”.(GOMES, 2016, p. 12)

Sua poética vem como um desenho que ilustra pessoas, emoções, praças, bares e ruas, e é nesses locais que ele de forma alternativa desde a década de 80 vem deixando seu legado, hoje reconhecido e homenageado em diversos festivais culturais, escolas e até nas universidades dentro e fora de Pernambuco. Ter sido

abraçado por outros escritores e intelectuais ajudou Miró a ter o prestígio que ele tem hoje, não por lhe faltar talento, pois quem já o viu se apresentando, interagindo ou vendendo seus livros, percebeu que sua presença é inesquecível, mas sim por lhe darem a mão em diversas situações difíceis que ele passou na vida. Uma dessas situações, a pior delas me atrevo a dizer, foi a perda de sua mãe, Dona Joaquina, em 2012, ela era sua única família, isso o afetou severamente e fez com que seu problema com o alcoolismo progredisse bruscamente, afetando diretamente a sua saúde. “Quando ela foi embora, cinco dias antes de ir me chamou no quarto e disse que eu cuidasse da única coisa que sei fazer. Porque ela não gostava e nem entendia, mas tinha quem entendia, gostasse e comprasse” (MIRÓ, 2017). Não fosse a força e a vontade de viver ligados aos conselhos da mãe e aos braços dos amigos, Miró não estaria mais conosco, porém como ele mesmo constrói sua vida, se deu a oportunidade de cura e hoje segue em tratamento estando a mais de um ano sem bebidas alcoólicas se reabilitando e escrevendo. “Quero viver de amor, carinho, brincar e de escrever poesia” (...) “Hoje eu não trabalho pra ninguém, a não ser pra criar palavras”. (MIRÓ, 2021).

No momento atípico que estamos vivendo, a internet tem sido um veículo poderoso para quem antes vendia a maioria de seus livros à mão, com ajuda de alguns amigos, hoje é possível adquirirmos as obras de Miró diretamente pelo *Whatsapp* que está disponível em sua página oficial do *Instagram*. Estar nesse ambiente, mesmo que de forma ainda tímida faz com que a poética de Miró se espalhe ainda mais mundo afora fazendo com que suas obras sejam ainda mais prestigiadas, e toda essa reviravolta na história do poeta incluindo pandemia, internação com covid 19, reclusão e tratamentos, só lhe inspiraram a escrever seu mais novo livro *O Céu é no Sexto Andar*.

Miró se orgulha de ter crescido na periferia, de ter sua forma própria de escrever e recitar: “A minha poesia é da rua, porque me apresentava na rua. Quem me lê não precisa ir buscar no Aurélio. O gari, o engenheiro civil, a enfermeira, o dono do bar entendem a minha poesia. Ela está aqui, na tua cara, na tua frente, na avenida” (MIRÓ, 2021). E é nesse impacto do poeta que viveu muitas vezes como andarilho distribuindo e apresentando suas obras que vamos focar, nesse Miró independente, alegrista e de relação íntima com as ruas, um símbolo para uma geração de artistas alternativos, que vivem do lado marginalizado da cidade e que impactam ao demonstrar seus versos.

4. A Poesia “Marginal” e a Humanização do leitor: análise de poemas

Miró até Agora foi escolhido justamente por ser uma das obras preferidas do autor, por segundo o próprio Miró ser um livro bem mais interessante por carregar nele mais de 10 obras juntas, é impossível ficar indiferente à sua poética e às problemáticas que ele aponta. “O homem lúcido não pode permanecer quieto e resignado”(POUND, 1934, p.37) A humanização em sua poesia independente é identificada a cada frase pois é um retrato de nossa sociedade, sem “maquiar” a situação e ao mesmo tempo mostrando como a vida tem sido relativizada e como o que não deveria ser normalizado, hoje o é. Cada obra escolhida traduz um momento na história da vida de Miró, seja no centro do Recife, seja no sertão ou até mesmo em São Paulo, estando sóbrio ou não, cada olhar diferenciado e pontual do poeta é expressado nestes poemas que tentam resumir a magnitude e diversidade de suas obras.

Nessa breve análise vamos observar como as palavras têm o poder de promoverem sentimentos, denúncia e representatividade, a partir dos conceitos de fanopeia, logopeia e melopeia apresentados por Ezra Pound

Contudo, as palavras ainda são carregadas de significado principalmente por três modos: fanopéia, melopéia, logopéia. Lançamos uma palavra para lançar uma imagem visual na imaginação do leitor ou a saturamos de um som ou usamos grupos de palavras para obter esse efeito. (POUND, 2006, p.41)

A fanopeia é uma tradução visual do texto, a demonstração das imagens que podemos ver e sentir com aquele poema. A melopeia ressalta a criatividade na sonoridade sobressaltante no texto poético; e a logopeia, que é o significado das palavras no campo das ideias, são as opiniões que trazem o texto e as que são formuladas a partir de sua leitura.

merece
um
tiro
quem
inventou
a

bala (MIRÓ, 1998, p.173)

O poema representa muito bem o atual cenário ao qual estamos vivendo, não foi criado hoje, mas segue totalmente atualizado. Mesmo antes de conhecer o poeta, eu já tinha ouvido algumas vezes essa poesia, que já virou ditado, então ela não poderia deixar de estar aqui. Miró nasceu e viveu em vários bairros periféricos da Região Metropolitana do Recife, ele com toda certeza viu diversas pessoas conhecidas serem mortas, pois a extrema violência que acomete os bairros mais pobres por conta de fatores sociais, culturais e educativos promove um cenário caótico, a imagem que o texto transmite é justamente essa, armas de fogo e a violência que elas trazem. O texto é curto e reflexivo, a logopeia é essa, a reflexão, afinal se não existissem as armas de fogo e conseqüentemente as balas, quantas mortes poderiam ter sido evitadas, inclusive as por “bala perdida”? Ainda vou mais longe, como o domínio europeu sobre os outros continentes poderia ter sido diminuído se eles não tivessem o poder da pólvora e toda a invasão fosse feita de “igual para igual”. É importante ressaltar a atemporalidade desta poesia, pois no contexto ao qual estamos inseridos hoje, mesmo durante a pandemia, o Nordeste teve um aumento de 20% nos assassinatos e que em 2020, foram 50 mil registros de mortes por armas de fogo (Anuário Nacional de Segurança Pública, Jornal Nacional, julho, 2021).

A reflexão que Miró traz é seguramente um protesto contra a violência e um enfrentamento ao genocídio da juventude negra (maior percentual das comunidades periféricas) no Brasil. Ter consciência de que o porte de armas não traz segurança e sim gera mais violência é a mensagem principal para que os efeitos desse governo vigente e dessa insegurança a qual vive a favela a anos possam ser revertidos. O poema de sonoridade rápida e fluida dá a sensação de algo rápido, como uma bala a ser disparada. “Que o estudante se arme e se prepare para o pior.” (POUND, 2006, p. 44) Só com resistência e conhecimento contra detentores do poder o mais rápido possível (dando um tiro mas não literalmente, ou talvez seja) que se pode acabar com a violência.

Rua da Palma

nuas crianças em todas esquinas
na Rua da Palma várias meninas
na manhã o cansaço rodeia a vagina
voltando pra casa no mesmo ônibus
de cadeiras acabadas

dinheiro pro leite pede a mãe
sem enfeite procura na trouxa
uma roupa lavada para mais uma
noite de pé na calçada

às vezes apanha, procura
gilete, mas não encontra nenhum
canivete, desse correndo
querendo um pivete

mas não encontra ninguém
só um senhor, mas está tão longe
que jamais acreditou
como sempre é o jeito amargar
esta dor

novamente em casa, coração
ferido, face marcada, a mãe já
não pede a maré está braba
a luta agora será pelas casas
pedindo leite para as crianças
esfomeadas, deixando bem claro
que amanhã ela paga, ficando
de pé na mesma calçada (MIRÓ, 1985, p.205)

Esse poema de Miró trata de um assunto ainda visto como tabu na sociedade, que é a prostituição. A fanopéia mostrada é a realidade de muitas meninas/mulheres que vivem em situação de alta vulnerabilidade social e arriscam suas vidas pela sobrevivência de suas famílias. Desde o início do poema é impossível, mesmo para os que não conhecem a Rua da Palma, não serem levados em pensamento a uma rua/avenida escura ao qual algumas moças estão ali esperando seus “clientes”, enquanto Miró continua escrevendo nós continuamos mentalizando cada parte daquele poema, a violência, a fome, o pedido de socorro. A logopéia do poema se justifica na crítica que o poeta faz à prostituição e também à exploração sexual

infantil. Ele não condena a prática, mas sim o sistema falho que as leva a se prostituir para poder ter comida para seus filhos e irmãos mais novos. Miró descreve como essas vítimas estão suscetíveis e submetidas a violências e que mesmo assim elas precisam continuar ali para obter o mínimo para sobreviver. A melopéia da poesia, bem dividida em estrofes, dão um ar reflexivo, triste e melancólico apontando a problemática, ainda mais quando recitada pelo poeta, o sentimento é pausadamente doloroso. É interessante que, mesmo estando inserido em uma sociedade machista e patriarcal, Miró consegue enxergar a dor de mulheres que não têm outras opções para existirem, por conta do descaso a qual estão subjugadas e lança um olhar com empatia ao relatar as dificuldades particulares implicadas e ligadas diretamente ao gênero, talvez por ter crescido apenas com sua mãe e sem uma figura masculina ele consiga ter essa compreensão. O poeta vai de encontro às rotulações e, ao invés de julgar, como faz a maioria da sociedade, ele propõe uma análise sobre o sofrimento no trabalho dessas mulheres e de como a cidade se transforma ao anoitecer, mais uma vez retornando a fanopéia, imaginando o cenário, “Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura.”(CÂNDIDO, 1999, p. 82)

Ainda há a observação de como infelizmente esse sofrimento se torna naturalizado para que as meninas/mulheres consigam continuar aceitando o que lhes está sendo praticamente imposto. Nesse poema, ele consegue trazer a cada linha, uma realidade que invisibiliza pessoas marginalizadas e este ponto é crucial: Miró traz à tona o ser humano por trás daquela imagem “moralmente repreensível” e demonstra através de sentimentos e necessidades humanas (cansaço, dor, fome) que quem está ali na esquina é uma pessoa, uma mulher que precisa alimentar seus filhos e sem outras alternativas compromete a sua própria integridade física, social e psicológica.

**...e ainda
nos chamam
de vagabundos**

quatro séculos de seca
quatro séculos de orações
pra São José

quatro séculos de promessas
e de cestas básicas
e uma tonelada de nada!
o país todo comovido
a televisão derrama lágrimas

e a água?

e a sede de outras coisas?

quatro séculos de solidão
e os pés rachados de tanto
tentar a vida na cidade de São Paulo
deixam claro
que o problema do Nordeste
não é a falta de água

é a falta
de vergonha na cara (MIRÓ, 1999, p.149)

Esse poema deixa bem explícita a inquietação do poeta quanto à problemática da seca no Nordeste, sai do contexto metropolitano e adentra o sertão mostrando que lá também existem pessoas marginalizadas e de mesmo modo esquecidas e discriminadas. A fanopeia passada no poema é o cenário do semiárido, ao lermos o mesmo nos transportamos até o sertão nordestino, fazendo parte daquele panorama, e começamos a nos enxergar como parte daquela problemática, principalmente quando somos nordestinos. Miró adentra no Regionalismo que estereotipa o Nordeste, mas que ao mesmo tempo conclama a todos por um olhar mais experimental.

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade.
(CANDIDO, 1999, p.89-90)

Desde o título, Miró aponta como o povo nordestino é tratado com xenofobia pelo eixo sul/sudeste, abaixo ele vem apresentando a problemática da seca e de como tantos governos já passaram, quantas promessas já foram feitas e que nada de fato

é implantado para solucionar a situação. Apesar de sabermos que com a tecnologia hoje avançada, muito poderia ser feito pelo sertão nordestino, porém nada além de planos paliativos são executados. Ele também humaniza o olhar que lança sobre o sertanejo dando o sentimento de fé a eles e a crença de que algum dia tudo aquilo pode melhorar, e que talvez a sobrevivência deles também depende dessa fé que os mantém de pé. Miró denuncia de forma poética a hipocrisia de quem chora ao ver reportagens na tv mas que nada fazem para ajudar seus semelhantes e pior quando têm oportunidade dão subempregos a oriundos do sertão, similares a escravidão. O poeta ainda desabafa sobre as carências humanas, a sede que o povo enfrenta que não está ligada só diretamente à necessidade de beber água, mas como carecem de respeito, educação, saúde, dignidade, equidade, empatia. E ele termina relatando a respeito do êxodo rural e mais uma vez sobre a xenofobia sofrida por nosso povo. A melopéia desse poema é ímpar, é um clamor quase que chorado, ele usa de repetições no início deixando evidente o grito de socorro o que se entrelaça e eleva o ouvinte/leitor ao cenário da seca. É muito importante acompanharmos criticamente as discussões e questões enfrentadas pelo povo sertanejo nordestino, pois muitas vezes as dores deles são invisibilizadas. As muitas mazelas sociais ligadas às cidades muitas vezes fazem com que as pessoas que vivem em áreas urbanas não se deem conta de que, além da nossa região existem outras com outros problemas que precisam ser discutidos e solucionados, e que mesmo que não seja um problema que enfrentamos, é um problema nosso também por fazermos parte da sociedade, Miró fez isso, trouxe à tona a discussão por meio de sua arte poética.

Pra Laura, filha de André e Vanessa

vocês não vão acreditar
hoje acordei com anjos me desejando bom dia
bichinhos de pelúcia
olhando para minha cara de bobo

Cebolinha cutucou de leve o leãozinho
marrom e perguntou:
quem é esse cala aí?
quem é esse cala aí?

sei lá
pergunta pras bonecas
caladas estavam, caladas ficaram
preparavam o café da manhã
num lindo fogão cor-de-rosa
não importa o que tinha pra comer

juntei-me a eles e rimos dos adultos
que não sabem como é bom
acordar no quarto de uma criança (MIRÓ, 2004, p.117)

Este poema demonstra um pouco da minha vivência, afinal sou saudosista da minha própria infância e mãe de três crianças. Em tempos de "childfree", movimento que começou com o reconhecimento do direito da opção de não ter filhos, mas hoje se expandiu e defende a ideia da restrição do contato com crianças, como também o de espaços desde shoppings a restaurantes e até condomínios que não se possam entrar crianças (e não estou defendendo a maternidade compulsória nem que todos precisem ter filhos) ler sobre a inocência e as cores da infância me deixam muito feliz, digo mais, ler sobre a aceitação e a recepção poética de Miró a uma criança é muito cativante, é até melódico. Através do poema nos arrebatamos de volta a infância nos lembrando das brincadeiras e de nosso próprio quarto, essa é a fanopéia passada. "A poesia recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam."(BOSI, 1977, p.150) O poeta dá voz a existência da infância e enaltecendo-a, humanizando o olhar do leitor, ao mesmo tempo ele passa a mensagem que pequenas coisas da vida precisam ser mais exploradas e que desfrutar pequenos momentos são essenciais para termos uma vida mais leve e feliz, essa é a ideia central do poema, sua logopeia, aliás se todos pudéssemos ser mais um pouco como as crianças muitos dos problemas seriam evitados. É belo também observar como Miró conta sua experiência ao lado de crianças e de como ele se faz como elas dando voz a um grupo tão vulnerável da sociedade, o poeta consegue lê las de forma lúdica, simples e bela.

depois daqui
nada vai ficar do homem
não se iludam
a diferença entre nós e os cachorros

é o CPF
e os cachorros são mais amigos

te digo:
teu anel de ouro
teus quinhentos livros
teu carro blindado
tua mansão com piscina
nada fica

não se iludam
os dinossauros eram tão grandes
e ninguém nunca mais viu
assim vai ser conosco
pequenos de amor (MIRÓ, 2010, p.70)

Esse poema trata de uma questão universal: a morte. E é ela a principal logopéia, pelo menos inicialmente do poema. Todos os seres humanos, aliás, todos os seres vivos passarão por ela como diz o dito popular, repetido sempre pelo meu tio-avô, “se não se foi jovem, de velho não passa”. A reflexão que Miró traz sobre a realidade e a efemeridade da vida, é uma questão importante a ser debatida de forma séria. Ao mesmo tempo ele traz leveza a problemática fazendo a comparação entre o ser humano e o cachorro, com isso ele não animaliza as pessoas, mas nos nivela no tocante a sermos seres frágeis e que estão de passagem pela terra. Miró ainda ressalta a arrogância e a soberba das pessoas que têm melhor poder aquisitivo, que se sentem melhores por possuírem bens, porém no fim, todos vamos para o mesmo lugar, sem importar se somos ricos ou pobres. “Eu sempre soube que a vida era efêmera, mas sempre me vi se agarrando à falsa realidade de que as coisas duram pra sempre.” (PICCUCI, 2017) Isso nos faz pensar que a vida é tão curta para gastarmos tempo desprezando outros semelhantes ao invés de ampará-los. O poeta sempre adentra em pautas de incrível relevância e que muitas vezes é deixado de lado, afinal para que acumular tantos bens? Não estamos dizendo que ninguém precisa fazer “voto de pobreza”, porém refletir a respeito de sua passagem na terra para que valha a pena. Miró não adentra na morte como muitos poetas, tentando compreendê-la ou consolá-la, mas sim refletindo a respeito do que podemos fazer antes que ela aconteça, como podemos viver nossas vidas.

as calçadas de São Paulo já não suportam
o peso de tantos bêbados
de seres esquecidos

tudo aqui é tudo muito grande
daí ficamos pequenos
rascunhos de gente
fiapos que a Fiesp esquece
que Abílio Diniz nem pão nem açúcar

que Antônio Ermírio de Moraes nem ergue
sequer um saco de cimento de coisas boas

desculpa, São Paulo
gosto muito de tuas luzes
mas tem um ser humano largado na calçada
nessa hora
o coração do poeta se apaga (MIRÓ, 2012, p.29)

As calçadas de São Paulo, poderiam ser de Recife, de Salvador ou de qualquer grande capital, porém Miró escolhe a megalópole pelo fato de além de estar vivendo lá naquele momento, ter uma afinidade com o local a ponto de dizer que se fosse morar em outra cidade que não fosse Recife, seria São Paulo. Nesse poema a logopeia principal é a denúncia da torturante vida das pessoas que estão em situação de rua. É a imagem, a fanopéia do poema, que mais tem peso nele, pois o olhar aquela situação gera o conflito, os sentimentos, a denúncia. Tudo que foi escrito, dependeu da observação do cenário, a descrição das imagens é que deixa a obra mais impactante. O MEPSR-SP (Movimento Estadual da População em Situação de Rua) calcula que 66.280 pessoas vivam nas ruas de São Paulo hoje, sendo o estado com maior número de pessoas sobrevivendo nas ruas. O poeta ainda fala da problemática a qual estão acometidas as pessoas em situação de rua que é o alcoolismo, problema esse também enfrentado por ele próprio, jogadas nas calçadas outras pessoas passam por elas e nem as enxergam, tratam como se ali no chão estivesse um saco de lixo, ao qual nos afastamos para não tropeçar, e fica o questionamento, a partir de quando o ser humano passou a virar as costas para seus semelhantes? Em tempos em que a vida de plantas tem sido

mais defendida que a dos próprios seres humanos, é difícil entender como chegamos ao ponto de não nos importarmos com a dor do outro (não que as plantas não sejam importantes). Miró ainda aponta o nome de grandes empresários da cidade, que ficam cada vez mais ricos em cima de trabalhadores pobres, fazendo alusão a própria cidade que é a mais rica do país, porém que tem em suas ruas o choro da falta de oportunidades e da implementação de políticas públicas que solucionem essa situação caótica. O sentimento de desassossego é demonstrado por ele nas linhas finais ao qual relata o sentimento de dor por aquelas pessoas que estão ali lançadas à própria sorte, quantas e quantas pessoas saem do Nordeste por exemplo em busca de melhoria de vida, e infelizmente não conseguem nada e vivem nas ruas? “Seja como for, a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico.”(CÂNDIDO, 1999, p. 84)

A poética revolucionária, denunciativa e sentimental de Miró nos traz esses questionamentos e reflexões acerca de como e por que estamos vivendo, do porquê a cidade mais rica do Brasil ainda ter uma concentração altíssima de extrema pobreza, e do porquê não podemos admitir uma situação dessas. Todos precisamos enxergar essas pessoas invisibilizadas e questionar ao poder público mudanças.

Considerações finais

Depois de adentrarmos de forma breve na história da literatura marginal e consequentemente de sua poesia, observamos a mesma como forma de inconformidade, “toda obra e todo autor que não se enquadram nos padrões usuais de criação, apresentação ou veiculação seriam também marginais, inclusive a poesia e o poeta.” (MATTOSO, 1981, p.8). Todas as dificuldades que os poetas enfrentaram e enfrentam para lançar suas obras, de como é até hoje a receptividade da população e de como a internet tem sido um agente para auxiliar na divulgação dessa arte. Dentro dessa perspectiva, abrimos o questionamento reflexivo de que nem todo que escreve à margem de fato se encontra nela, trazendo Miró e sua poética como exemplo de produção independente e popular. De “filho que só escrevia besteiras”, Miró passou a ser voz das minorias marginalizadas com suas obras que transcendem os livros, estão nas ruas, na internet e em qualquer momento apostos para ser recitada.

Apesar de que “os estudos modernos de literatura se voltam mais para a estrutura do que para a função.” (CÂNDIDO, 1999, p. 82) Opomo-nos a isso e analisamos a sincronia da fanopéia, logopéia e melopéia nos poemas, como sugere Pound, conseguindo esboçar a imagem, inclusive em movimento, na suposição visual. Como também construir ligações emocionais por meio do som e do ritmo da fala, e misturar os sentimentos emocionais e intelectuais trazendo a reflexão consciente.

Ou seja, não importa um texto rebuscado, se as palavras difíceis não são compreendidas e nem conseguem passar o que de fato o poeta está dizendo. Os poemas de Miró além de serem curtos e de total compreensão, trazem com sua coloquialidade reflexões aprofundadas sobre e para as minorias que perpassam da zona rural à zona urbana, das avenidas às vielas.

A função educativa da poesia é “muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes.” (CÂNDIDO, 1999, p. 84) Além de transgredir a estrutura culta, a poesia marginal tem o papel humanizador, ela dá voz aos invisibilizados e agrega temas tratados muitas vezes como tabu, sobre isso Cândido ainda pontua, “Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta.” (p. 84) Apresentar essas reflexões a partir da leitura e compreensão da poética marginal, sobretudo a analisada neste trabalho, de Miró da Muribeca, nos eleva a responsáveis por conduzir e elevar sua escrita, que já ganhou as ruas e hoje já traz para a área educacional frutos de subversão e busca pelas políticas públicas que representem todas as camadas da população.

É importante também ressaltar que “delimitou-se a ideia de que era uma poesia somente contestatória e engajada, sem atribuições e contribuições estéticas”(JÚNIOR, 2014, p. 219) No entanto, ao folhearmos as obras de nosso poeta Miró, por exemplo, observamos que essa “teoria” é equivocada e preconceituosa, pois coloca a produção marginal e popular como inferior. Não, a poética de Miró e de mais tantos outros poetas advindos das comunidades, não pode ser generalizada nem menosprezada. Dentro das obras do próprio Miró encontramos estilos de escrita diferentes, apesar de todos serem bem entendíveis

para a população geral, como ele próprio afirma e demonstram distintas fases de sua vida, como também os conteúdos argumentativos seguem com diversidade e sentimentalidade, dando evidência aos mais diversos grupos da sociedade.

Em suma, Pereira contempla em sua obra *Retrato de Época: Poesia Marginal Anos 70*, uma defesa central dessa função literária da poesia marginal: “Minha preocupação central era tratá-lo enquanto fenômeno cultural num sentido amplo. A literatura me interessava, não enquanto fenômeno especificamente literário, mas sim enquanto uma determinada faceta do fenômeno cultural (PEREIRA, 1981, p. 14).

É justamente esse fenômeno cultural, essa revolução, que tem trazido nitidez para as discrepâncias sociais historicamente não relatadas (e quando o eram, o faziam de forma genérica e estereotipada, criminalizando a pobreza e sendo altamente racistas e xenofóbicos), que tem humanizado às pessoas do “lado B,C,D” da cidade. De forma melodiosa, expressiva e precisa a poética de Miró da Muribeca é exclamada com resistência, esmagando o discurso conservador discriminativo e levantando a bandeira da visão empática e compreensiva dos que mais sofrem com as injustiças.

É dever dos educadores e de quem tem o privilégio ao acesso poético, transgredir o sistema e nortear (estudantes e a população no geral) a um novo olhar a literatura marginal, que age restabelecendo a conexão entre público e obra, já que essa de fato os representa, “opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legitimadas pela crítica oficial” (HOLLANDA, 1988, p. 10), partindo do ponto do enaltecimento aos poetas da nossa terra.

Referências

ARANHA, Simone Dália de Gusmão e BORBOREMA, Olivia Rodrigues. A interatividade na poesia digital: palavra, imagem e som em movimento. **Linguagem e Tecnologia**, vol. 9, núm. 2, pp. 46-63, 2016, Universidade Federal de Minas Gerais.

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CÂNDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo, 1999, p. 81-90.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1985.

GOMES, Igor. **MIRÓ: UM RETRATO DE CORPO INTEIRO DE UM DOS POETAS MAIS INVENTIVOS DO BRASIL**. Pernambuco, 2016, p. 10-15.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Guilherme Santos. **Uma Revisão Crítica da Poesia Marginal Brasileira**. Revista Estação Literária. Londrina, Volume 12, p. 217- 228, 2014.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MIRÓ, João Flávio Cordeiro da Silva. **Miró Até Agora - 2ª Edição**. Organizador: Sennor Ramos. Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2016.

MUNIZ, Erika. **Literatura Brasileira - Cronista Lírico**. Quatro Cinco Um. São Paulo, 2021.

PAIVA ROSA, Érica. Poesia Marginal. **Todo Estudo**. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/literatura/poesia-marginal>. Acesso em: 08 de November de 2021.

PEDRA, Victor. O Rap é um dos cantos onde a poesia vive – e se reinventa a cada ritmo. **HOMO LITERATUS**. São Paulo, 2018.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de Época: Poesia Marginal Anos 70**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981.

PICUCCI, Danilo. **Sobre a Efemeridade da Vida**. Medium. São Paulo, 2017.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**, 1934. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.